

## Mídia e Tecnologias da Comunicação

### A situação do ciberjornalismo

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



#### Gerson Luiz Martins

Professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, presidente do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line da UFBA e da Base de Pesquisa Comunicação, Cultura e Mídia da UFRN, consultor ad hoc do INEP/MEC e professor das disciplinas Redação em Ciberjornalismo, Linguagem Jornalística e Reportagem, Pesquisa e Entrevista.

#### RESUMO

Este texto faz uma análise de desenvolvimento do ciberjornalismo (também denominado como jornalismo on-line, jornalismo digital e webjornalismo) como forma de produção da informação que provoca o desenvolvimento da comunicação a partir das tecnologias digitais desenvolvidas para a, hoje, chamada mídia internet. O texto pontua os avanços dessa mídia e as características que determinam a ampliação de seu uso pelo *consumidor de notícias* em detrimento dos meios tradicionais de informação, sem, não obstante, desprezar esses meios, mas ao contrário, realiza a incorporação de suas potencialidades, como texto, imagem e áudio. Essas características do ciberjornalismo demandam e infligem uma nova cultura nas sociedades contemporâneas e influenciam sua política e conseqüentemente sua história, dada a memória que preservam em seus bancos de dados.

#### PALAVRAS-CHAVE

Ciberjornalismo. Jornalismo Digital. Webjornalismo. Ensino de Jornalismo. Jornalismo.

## 1 Considerações iniciais

A associação entre os suportes midiáticos (mídia, meios de comunicação personalizados ou de massa) e as tecnologias digitais no final do século passado e, preponderantemente, no início deste século transformam profundamente as relações que a sociedade permuta com esses suportes. Uma nova leva de profissionais, principalmente no âmbito das ciências sociais, se qualifica a partir dessas transformações dão novos rumo para essas relações, mesmo a partir do próprio processo de formação. Segundo os professores Elias Machado e Marcos Palácios (2007:61)<sup>1</sup> "As profundas transformações experimentadas pelas sociedades contemporâneas desde o final do século passado (Castells, 1997; 2001; Filder, 1997; Echeverria, 1999), com a gradativa incorporação das tecnologias digitais aos processos produtivos, têm suscitado um conjunto de estudos sobre as conseqüências destas mudanças no que diz respeito à prática dos profissionais de comunicação e mais especificamente quanto às adaptações necessárias para que a formação destes futuros profissionais possa atender às demandas do mercado de trabalho." Apesar de inúmeras e enormes deficiências da implementação da tecnologia educacional, os aportes particulares facilitados pelo consumo, cada vez maior, dos equipamentos de informática e acesso maior às redes digitais de alta velocidade, que no Brasil ocupam lugar de destaque a cada pesquisa realizada pelo IBGE, determinam um novo modo de apreender e de tratar as tecnologias digitais que, em tese, buscam beneficiar a sociedade. Antonio Fidalgo (2007:45)<sup>2</sup> diz que "os novos meios de comunicação permitem de uma forma fácil e barata, dotar os cursos de instrumentos para reforçar a sua formação tradicional", e ainda segundo Machado e Palácios (2007:62)<sup>3</sup> "a digitalização estaria levando não ao desaparecimento porém a complexificação das práticas dos profissionais no campo da comunicação". Importante destacar, conforme Ana Emaides, Maria Liliane Salerno e Maria Célia Allende (2007:85)<sup>4</sup>, que "as profundas mudanças culturais produto destas novas condições socioeconômicas, originam cenários em constante movimento, novos processos de comunicação e participação social; tudo isso, não somente a nível local, mas também regional e mundial". O desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação infligem um novo modo de "ver" e se relacionar com o "mundo", com a sociedade. Segundo Rogério da Costa<sup>5</sup> (2002), professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica e do Departamento de Ciência da Computação da PUC-SP, "Não só uma revolução tecnológica, as novas tecnologias digitais de comunicação estão mudando a própria cultura. O impacto de tecnologias como o telefone celular, a TV digital e a internet na sociedade, além das alterações que vêm causando, com o aumento vertiginoso da quantidade de informação e o surgimento de comunidades virtuais. A cultura da atualidade está intimamente ligada à idéia de interatividade, de interconexão, de interrelação entre homens, informações e imagens dos mais

---

<sup>1</sup> MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos (org.) O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade. Salvador, EDUFBA, 2007.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> COSTA, Rogério da. A cultura digital. São Paulo, Publifolha, 2002.

## **Mídia e Tecnologias da Comunicação** **A situação do ciberjornalismo**

variados gêneros. Essa interconexão diversa e crescente é devida, sobretudo, à enorme expansão das tecnologias digitais na última década. Com o forte crescimento da oferta e consumo de produtos ditos de última geração, já não se pode mais falar do futuro que bate às nossas portas, mas simplesmente de alguns novos hábitos disseminados entre milhões de pessoas por todo o mundo”.

De outro lado, percebemos que as tecnologias da comunicação não são tão presentes como indicam os dados estatísticos, que muitas vezes são realizados por amostragem e não identificam corretamente a acessibilidade social das tecnologias digitais. No que se refere ao telefone celular, nossa realidade ainda está distante de um uso massivo das possibilidades digitais que oferecem, vejam o exemplo do recente aparelho produzido e comercializado pela Apple, o iPhone<sup>6</sup>. A maior parte dos aparelhos celulares utilizados pela população tem um recurso básico, conversação. A quantidade de aparelhos com mais recursos, principalmente câmeras fotográficas utilizados pelos jovens e adolescentes, ainda não é significativa no universo da quantidade de linhas e aparelhos vendidos diariamente nas concessionárias do serviço. A pesquisadora argentina Paulina Beatriz Emanuelli<sup>7</sup> (2007:55-56) ressalva com muita propriedade que a relação das sociedades com tecnologias digitais, a interatividade “pode gerar uma interação real, mas por sua vez instala certa ilusão de participação que se potencia com a idéia de que as tecnologias de informação e comunicação (TIC’s) e dentro delas a internet são centrais na existência e crescimento da globalização”. Mais adiante nesse texto diz que “não obstante, o problema da brecha informacional gerada com a adoção de novas tecnologias existe e se aprofunda diante da hiperaceleração tecnológica. Se cria uma “brecha digital”, um verdadeiro abismo entre quem as possui ou não”. E reforça quando diz que “se instala e desenvolve desde as políticas públicas e organismos internacionais a ilusão de que o acesso às TIC’s gera inclusão, integração e desenvolvimento em setores sociais excluídos independentemente dos processos econômicos e políticos macro-excluintes”. Esse cenário é comprovado pela quantidade de computadores residenciais e utilização, em vários casos, das chamadas “lan houses” ou cibercafés para tarefas rotineiras como digitar um texto ou acessar o correio eletrônico. Estudantes de jornalismo da UFRN realizam uma pesquisa, no âmbito do PIBIC, para detectar o uso das tecnologias digitais pelos alunos do curso e o que isso significa para a qualificação profissional.

Não vai muito distante e essa realidade parece se alterar, pois o crescente mercado de computadores, o barateamento dos equipamentos ressalva até os processos publicitários do comércio varejista que incorporou os equipamentos digitais, computadores, máquinas fotográficas e impressoras, principalmente, como utilidades domésticas e facilitam sua aquisição, seja em termos de custos, seja em termos de financiamento.

## **2 Jornalismo e tecnologias da comunicação**

---

<sup>6</sup> Sítio web da Apple, <http://www.apple.com/iphone/>, acessado em 21 de setembro de 2007.

<sup>7</sup> EMANUELLI, Paulina Beatriz. Usos alternativos de internet: entre espejismos e ilusão. In: MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos. (org.) O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade. Salvador, EDUFBA, 2007.

## Mídia e Tecnologias da Comunicação A situação do ciberjornalismo

Na sociedade contemporânea, as tecnologias digitais tem sido um instrumento importante de conhecimento, oferece um conjunto de recursos tecnológicos que coloca à disposição de qualquer pessoa uma enorme quantidade de informações e possibilidades de acesso a serviços diversificados. Embora não seja qualificado como inclusão digital, como bem observou o pesquisador Sérgio Amadeu<sup>8</sup> em recente debate no Ciclo Internacional sobre Cibercultura no Século XXI, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da UFBA no dia 19 de setembro de 2007, com o tema Cidadania digital: negação de acesso e a construção de nuvens abertas de conexão; o acesso aos telefones celulares (tecnologia digital) e aos serviços bancários por meio dos caixas eletrônicos não pode ser considerado como inclusão digital.

Não obstante a essa situação, o ciberjornalismo, também denominado jornalismo on-line, jornalismo digital, webjornalismo<sup>9</sup> é uma realidade tecnológica, digital ao alcance do público. Pesquisas recentes indicam um crescimento acentuado do uso do ciberjornalismo no consumo de informações diárias em detrimento do suporte tradicional em papel. Veja por exemplo a situação dos diários franceses, conforme a *Association pour le Contrôle de La Diffusion des Médias*<sup>10</sup> (OJD francesa) a difusão dos diários caiu 2% em 2006, uma cifra praticamente idêntica a do ano anterior. No total, durante a última década a imprensa francesa acumula uma queda de 10%. Segundo Ramón Salaverría<sup>11</sup>, quando cita o Blog de Bloggers de Elpaís.com que informa que "El País publicou uma reportagem com o título '*Periódicos en crisis, periodismo vivo*'; sobre o declínio da imprensa diária nos Estados Unidos. Entre muitos dados, o artigo assinalava que só no primeiro semestre de 2006 e segundo a *Newspaper Association of América (NAA)*, a difusão dos diários norte-americanos sofreu uma queda 2,8% entre segunda-feira e sábado, e de 3,4% nos domingos. Este baixo índice não é um fato pontual; os diários estão em queda sem parar naquele país desde há cinco anos".

### 3 Ciberjornalismo e a mudança no consumo da informação

---

<sup>8</sup> Vídeo de apresentação da conferência de **Sérgio Amadeu - Cidadania Digital: Negação de acesso e a construção de nuvens abertas de conexão**. Na palestra do Professor Dr. Sérgio Amadeu (Cáster Líbero -SP) tratou-se da exclusão digital e das novas possibilidades de conexão sem fio. A abordagem de Amadeu foi a partir do conceito de sociedade em rede de Castells para demonstrar a importância do desenvolvimento de políticas de inclusão digital. "Se não for feito nada agora no futuro não teremos somente exclusão digital, mas exclusão cognitiva", enfatiza Amadeu. Para ele, por trás da inclusão e o acesso não está apenas o acesso pelo acesso, mas a comunicação como a base principal que importa e o acesso a diversos serviços de governo eletrônico. Amadeu destacou diversas experiências de prefeituras oferecendo conexão sem fio para a população gerando nuvem aberta de conexão. Disponível em <http://jornalismomovel.blogspot.com>, acessado em 21 de setembro de 2007.

<sup>9</sup> Ver estudos sobre a nomenclatura do jornalismo nas redes digitais em texto de MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web**. In: MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos. Modelos de jornalismo digital. Salvador, Calandra, 2003. E também em SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística en internet**. Navarra, Eunsa, 2006.

<sup>10</sup> Confira os índices em [www.ojd.com](http://www.ojd.com). Acessado em 23 de setembro de 2007.

<sup>11</sup> <http://e-periodistas.blogspot.com/2006/12/e-periodistas-blog-invitado-en.html>. Acessado em 23 de setembro de 2007.

## Mídia e Tecnologias da Comunicação A situação do ciberjornalismo

O jornalismo começou no ciberespaço, nos Estados Unidos, na década de 80. A passagem da produção jornalística para a internet se resumia aos serviços de notícias específicas para um segmento de público, oferecidos pelos provedores. Na década de 70, o *The New York Times* disponibilizava resumos e textos completos de artigos a assinantes que tinham acesso à internet. No Brasil, as empresas jornalísticas entraram na rede a partir de iniciativas isoladas. O *Jornal do Brasil* foi o primeiro jornal brasileiro a fazer uma cobertura completa no ciberespaço, em maio de 1995. Em 1996, o *Universo On Line*, portal ligado ao jornal Folha de São Paulo, lançou o primeiro jornal *on line*, em língua portuguesa, na América Latina.

Segundo Ramon Salaverría (2006:15) "se trata de uma nova modalidade profissional que em geral modifica os três processos básicos em que se baseia esta profissão (jornalista): a investigação, a produção e a distribuição ou difusão". O objeto de estudo é definido por Salaverría como a "especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos".

Luciana Mielniczuk (2003:46)<sup>12</sup> a partir dos estudos de John Pavlik (2001) apresenta uma sistematização das fases do ciberjornalismo, "tendo como foco a produção de conteúdos e identificando três fases. Na primeira, dominam os sítios que publicam material editorial produzido, em primeira mão, para as edições em outros meios. ... Em segunda fase, os jornalistas criam conteúdos originais para a rede, passando a utilizar hiperlinks. ... A terceira fase, caracteriza-se pela produção de conteúdos noticiosos originais desenvolvidos especificamente para a web, bem como o reconhecimento desta como novo meio de comunicação". No desenvolvimento do ciberjornalismo Mielniczuk (2003:48) propõe três níveis que não são excludentes e tampouco cronológicos, podem conviver a partir dos diferentes níveis de desenvolvimento dos portais jornalísticos. Nessa classificação, também não deixa de ser histórica, pois prevê diferentes formas do ciberjornalismo. A autora denomina a primeira de *webjornalismo de primeira geração* que se caracteriza como "produtos oferecidos como reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar o espaço na internet", destaca Mielniczuk que "o que era chamado então de jornal on-line na web não passava de transposição de um ou duas das principais matérias de algumas editorias. Este parco material era atualizado a cada 24 horas, de acordo com o fechamento das edições do impresso". O chamado *webjornalismo de segunda geração*, conforme a classificação de Mielniczuk (2003:49) pode ser identificado "quando mesmo 'atrelado' ao modelo do jornal impresso, começam a ocorrer experiências na tentativa de explorar as características específicas oferecidas pela rede. Nessa fase, o jornal impresso é utilizado como metáfora para a elaboração das interfaces dos produtos. ... Ao mesmo tempo em que se ancoram no modelo de jornal impresso, as publicações para a web começam a explorar potencialidades do novo ambiente, tais como links, ... e o e-mail passa a ser utilizado com uma possibilidade de comunicação entre jornalista e o leitor". O *webjornalismo de terceira geração* na classificação de Mielniczuk (2003:50) os portais jornalísticos "extrapolam a idéia de uma versão para a web de um jornal impresso. ... Nos

---

<sup>12</sup> MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web**. In: MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos. Modelos de Jornalismo Digital. Salvador, Calandra, 2003.

## Mídia e Tecnologias da Comunicação A situação do ciberjornalismo

produtos jornalísticos desta geração, é possível observar tentativas de efetivamente explorar e aplicar as potencialidades oferecidas pela web para fins jornalísticos. Neste estágio, os produtos jornalísticos apresentam recursos em multimídia, como sons e animações, recursos de interatividade, como chats, enquetes, fóruns e ainda a possibilidade de personalização do conteúdo web de acordo com as preferências do *internauta*, "a utilização do hipertexto ... como possibilidade na narrativa jornalística dos fatos; a atualização contínua no webjornal e não apenas na seção 'últimas notícias'". Conforme Marcos Palácios (2003:18-20)<sup>13</sup>, o jornalismo na web, o ciberjornalismo possui como características a multimídia ou convergência, interatividade, hipertextualidade, customização de conteúdo ou personalização, memória e instantaneidade ou atualização contínua. No que concerne a essas características, Palácios acrescenta a memória devido a uma tendência dos portais jornalísticos, conforme pesquisa relatada no texto em referência, em realizar um arquivo do material publicado, sem estar necessariamente relacionado a uma base de dados do sítio web. Outros autores como Salaverría (2006:26) destacam como características do ciberjornalismo a hipertextualidade, a multimídia e a interatividade.

Conforme esse mesmo autor, "o ciberespaço possibilita forma de diálogo entre o escritor e o leitor muito mais próxima que se permite no suporte impresso. ... qualquer palavra do texto pode ser ponto de partida para uma amplificação documental ..." E constata ainda que "ainda quando um cibermeio se limite a reproduzir literalmente os conteúdos que antes publicou na versão impressa, a mensagem veiculada por cada um dos dois canais será distinta por natureza".

Essas condições de produção e difusão no ciberjornalismo determinam como referidas anteriormente, uma outra perspectiva cultural, histórica e política. Com a difusão do ciberjornalismo, o suporte tradicional sofrerá profundas modificações, assim como ocorreu com outras mídias a medida que surgem novos formatos, foi o caso jornal impresso com o advento do rádio, do cinema e do rádio com o advento da televisão e agora, de todos os suportes tradicionais com o advento da internet. No caso do jornalismo especificamente, conforme Philip Meyer (2007:12) "o bom jornalismo sobreviveu – mesmo sem prevalecer sempre – a muitas mudanças tecnológicas. A internet é apenas a mais recente de uma série de avanços que contribuíram para a segmentação da mídia."

Em pesquisa realizada por Beatriz Ribas (2007:166)<sup>14</sup> em 2006 demonstra que a principal fonte de informação para estudantes de jornalismo é a televisão com 44% contra 31% para a internet. Esse resultado é significativo, pois se trata de estudantes de jornalismo, grupo social que naturalmente deveria privilegiar o jornal impresso ou, mais recentemente, o ciberjornalismo. Entretanto, esse dado é extremamente mutável e em processo de mutação. Com a ampliação da capacidade instalada de computadores nas residências (utensílio doméstico) a tendência será para o ciberjornalismo como fonte de informação. Essa mesma situação se amplia na

---

<sup>13</sup> PALACIOS, Marcos. **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória.** In: MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos. Modelos de jornalismo digital. Salvador, Calandra, 2003.

<sup>14</sup> RIBAS, Beatriz. **Blogs como ferramenta do ensino de jornalismo.** In: MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos. O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade. Salvador, EDUFBA, 2007.

## Mídia e Tecnologias da Comunicação A situação do ciberjornalismo

medida em que nos mais variados postos de trabalho, o computador conectado à rede mundial estará sempre presente. Para o *homem cotidiano*, aquele que não está envolvido diretamente com a produção em comunicação e que tem sua rotina entre o trabalho (manual, intelectual, técnico) e sua casa, a disponibilidade de acesso à internet é cada vez maior. Não acontecerá com muita frequência de acessar as informações nas primeiras horas do dia, exceção para aqueles que atuam diretamente com computadores, mas poderá realizar essa operação no final do dia trabalho, em seu novo aparelho doméstico, o computador com acesso à internet. O lugar do “jornal nacional” na sala de estar estará desqualificado e perderá sua hegemonia. Haverá de muitas vezes, o *homem cotidiano*, esquecer de assistir ao “jornal nacional” por estar enviando ou recebendo mensagens eletrônicas.

A forma de consumir a informação, por meio do ciberjornalismo, provoca mudanças culturais que vão se consolidar na medida em que o suporte (equipamento) esteja mais disseminado e de fácil manipulação, fato que a indústria tem se dedicado, seja em termos de hardware e de software. As inúmeras versões dos softwares de sistema, assim como de programas aplicativos ou de navegadores na internet, buscam facilitar e tornar intuitivo a manipulação desses recursos para os menos alfabetizados digitalmente. No que diz respeito ao jornalismo, Elizabeth Saad (2005:154)<sup>15</sup> diz que “a reconfiguração da identidade do jornalismo passará pela mudança de papéis: de mediação social para a promoção de correlações entre fatos, idéias, memória, futuro e atualidade”.

Ciro Marcondes Filho (1993:125)<sup>16</sup> em reflexão sobre o jornalismo na passagem de século afirma que “a marca da imprensa, na sociedade tecnológica, é a da produção em alta escala de informações, repercutidas em todos os jornais, rádios, estações de televisão, no país e no exterior, de tal maneira que esse volume, essa intensidade provocam a redundância, que leva ao desinteresse, à apatia, à desinformação, em última análise”. E ainda para Caparelli (2002)<sup>17</sup> “os vários caminhos de leitura, propostos pelo hipertexto segmentado e disperso, podem provocar a desorientação do leitor, pois quebram os percursos de leitura considerados normais”. Essa é uma perspectiva que demandam estudiosos e principalmente os produtores de informação. Consideramos que a avalanche de informações, principalmente despendida pelo ciberjornalismo sofre um processo amplo de filtragem. Luciana Mielniczuk (2007:147)<sup>18</sup> afirma que “o meio digital oferece a possibilidade de criar recursos visuais e interativos para auxiliar na navegação de um hipertexto, que orientam o leitor entre os vários caminhos de leitura oferecidos, funcionando como um mapa da informação”. As características da estrutura da informação jornalística na web, sejam notícias, reportagens (principais gêneros) ou outros determinam os interesses do *consumidor de notícias*, ele tem a

---

<sup>15</sup> SAAD, Elizabeth. **O jornalismo contemporâneo no Brasil: as mídias digitais como elo entre a crise e a busca de uma nova identidade**. In: Pauta Geral, Revista de Jornalismo. Florianópolis, Calandra, 2005. Vol. 7.

<sup>16</sup> MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo, Scritta Editorial, 1993.

<sup>17</sup> CAPARELLI, Sérgio. **Alguns dispositivos online da imprensa de referência internacional**. In: PERUZZO, Cecília (org.). *A mídia impressa, os livros e as novas tecnologias*. São Paulo, Intercom, 2002.

<sup>18</sup> MIELNICZUK, Luciana. **Sistemas publicadores para webjornalismo: mapalink, um protótipo para produtos de terceira geração**. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. *O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade*. Salvador, EDUFBA, 2007.

## Mídia e Tecnologias da Comunicação A situação do ciberjornalismo

possibilidade de “personalizar” o conteúdo ciberjornalístico que deseja. Apesar da avalanche de informações, o *consumidor de notícias* é seletivo. Carla Schwingel<sup>19</sup>, em relato do 8º Simpósio de Jornalismo On-Line da Universidade do Texas, cita “Ken Riddick (vice-presidente para interação, *Star Tribune*) que mostrou a tendência geral da audiência estadunidense, com dados de quantos empregos foram perdidos, de como o número de leitores diminuiu, e que a conveniência é o fator mais importante para o leitor online”. Nesse aspecto, as características do ciberjornalismo objetivam facilitar o acesso à informação. Há uma “linguagem jornalística” apropriada e diferenciada para os portais jornalísticos. Outro elemento que facilita a busca e a leitura da informação jornalística no ciberespaço é a multimídia, o que faz com que os mais recentes portais ofereçam, além do texto, áudio e vídeo para complementar as informações disponibilizadas. Um exemplo dessa tendência foi a renovação por um dos principais portais jornalísticos no Brasil, a Folha On-Line ([www.folha.com.br](http://www.folha.com.br)) que incluiu no portal “podcast” que remete o usuário/leitor para informações por meio do canal de áudio e ainda, na nomenclatura utilizada pela Folha On-Line, “videocast” que oferece conteúdo em vídeo para os leitores do portal, embora ainda de forma muito precária, como afirma Palácios<sup>20</sup> “a amostra foi de uma pobreza franciscana e absoluta falta de imaginação. Parece telejornalismo feito por amadores.” Entre os três principais portais jornalísticos brasileiros, Folha On-Line, Portal G 1 do grupo empresarial ligado a Rede Globo de Televisão, a Globo.com ([www.g1.com.br](http://www.g1.com.br)) e Último Segundo ([www.ultimosegundo.com.br](http://www.ultimosegundo.com.br)), portal de conteúdo jornalístico mantido pela empresa de informática IG, é incipiente o uso da multimídia como forma de atrair o *consumidor de notícias* e oferecer mais recursos para difundir a informação. Embora seja um fenômeno recente, portais de notícias no ciberespaço espanhóis como El País ([www.elpais.es](http://www.elpais.es)), El Mundo.es ([www.elmundo.es](http://www.elmundo.es)); argentinos como O Clarín ([www.oclarin.com.ar](http://www.oclarin.com.ar)) e La Nación ([www.lanacion.com.ar](http://www.lanacion.com.ar)); ingleses como BBC ([www.bbc.co.uk](http://www.bbc.co.uk)) e The Times ([www.timesonline.co.uk](http://www.timesonline.co.uk)); e norteamericanos como The New York Times ([www.nytimes.com](http://www.nytimes.com)), Los Angeles Times ([www.latimes.com](http://www.latimes.com)), The Washington Post ([www.washingtonpost.com](http://www.washingtonpost.com)), USA Today ([www.usatoday.com](http://www.usatoday.com)), este último referencial no processo de convergência nos Estados Unidos, estão mais avançados no uso da multimídia. No Brasil ainda, é importante registrar, o jornal Gazeta do Povo (<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo>) de Curitiba, Paraná numa reforma realizada no final de 2006, em integração com a emissora de televisão ligada ao Grupo Empresarial RPC (Rede Paranaense de Comunicação) ampliou a capacidade do portal jornalístico, deixou de ser apenas um “espelho on-line” do jornal impresso e também incluiu a multimídia no site web. A característica da multimídia nos portais jornalísticos depende uma complexa arquitetura de informação que não está ainda plenamente desenvolvida no país. Carla Schwingel (2007:179)<sup>21</sup> diz que “um

<sup>19</sup> SCHWINGEL, Carla. **Blog Sistemas para Ciberjornalismo**. In: [www.ciberjornalismobr.blogspot.com](http://www.ciberjornalismobr.blogspot.com). Acessado em 23 de setembro de 2007.

<sup>20</sup> PALACIOS, Marcos. **Videocast da Folha: o que isso acrescenta?** Comentário publicado no Blog do Grupo de Pesquisa de Jornalismo On Line (GJOL) da Facom/UFBA. Acessível em <http://gjol.blogspot.com>, acessado em 22 de setembro de 2007.

<sup>21</sup> SCHWINGEL, Carla. **Sistemas de publicação no jornalismo digital: o portal regional experimental Educação em Pauta**. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade. Salvador, EDUFBA, 2007.



## Mídia e Tecnologias da Comunicação A situação do ciberjornalismo

produto do Jornalismo Digital para adequar-se ao ambiente hipermidiático necessita aplicar com propriedade as características diferenciadoras e constitutivas desta práxis jornalística, que são a hipertextualidade, a interatividade, a personalização de conteúdo, a multimídia, a memória e a atualização contínua”. Elementos que somente são possíveis na aplicação dessa complexa arquitetura e que serão preponderantes para facilitar e proporcionar informação contextualizada e atualizada para o *consumidor de notícias*.

### 4 Da formação para o Ciberjornalismo

O ensino de jornalismo como um todo, os cursos de forma específica, incomodados pelas perspectivas recentes do desenvolvimento tecnológico, digital e temendo sua exclusão das possibilidades, não somente do desenvolvimento da formação universitária em jornalismo, mas também das perspectivas profissionais, iniciaram recentemente inúmeros estudos para realizarem uma reformulação geral nas estruturas curriculares dos Cursos de Jornalismo. No Brasil, essa situação ocorreu há dois anos no curso da Universidade Federal de Santa Catarina, que confirmou a mudança, inclusive, de denominação do Curso, a partir das possibilidades abertas pela LDB, Diretrizes Curriculares da área e pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, Sinaes, que permite uma autonomia na renovação das estruturas curriculares e na denominação dos cursos. Importante lembrar que, oficialmente, há seis habilitações para os cursos da área de comunicação:

Jornalismo, Publicidade/Propaganda, Radialismo, Relações Públicas, Produção Editorial e Cinema, enquanto a tabela de habilitação, conforme codificação da OCDE<sup>22</sup>, utilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Inep prevê 14 habilitações: Cinema e Vídeo, Comunicação Social: redação e conteúdo, Informação: redação e conteúdo, Jornalismo, Noticiário e Reportagem, Produção Editorial, Publicação: disseminação de mensagens, Rádio e tele-jornalismo, Radialismo, Marketing e propaganda, Mercadologia: marketing, Pesquisa de mercado, Publicidade e propaganda e Relações públicas. Essa profusa possibilidade de denominações dos cursos da área de comunicação sustenta as possibilidades de inovação na denominação dos cursos. O Inep aprovou, em diversas ocasiões, cursos que essas possibilidades de nomenclatura, principalmente cursos de tecnologia que têm duração de dois anos.

No caminho da UFSC, estão a Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e, embora numa perspectiva diferenciada, na linha de ciências da comunicação, o curso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), entre outras de forma mais incipiente.

A formação dos novos jornalistas deve, necessariamente, acompanhar o desenvolvimento da área. No estágio atual, os cursos formam jornalistas para atuar

---

<sup>22</sup> OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. In: [www.oecd.org](http://www.oecd.org). Acessado em 23 de setembro de 2007.

## Mídia e Tecnologias da Comunicação A situação do ciberjornalismo

numa redação informatizada com práticas em laboratórios com máquinas de escrever. Embora seja essa uma metáfora, mas está muito próximo da realidade da maioria dos laboratórios acadêmicos dos cursos de jornalismo. Essa realidade é registrada por Pedro Demo (2006:11), citado por Elias Machado (2007:11) que diz que "... a sociedade atual é intensiva de conhecimento e aprendizagem, quando comparada com as anteriores, justamente por dispor de tecnologias dotadas de uma capacidade incrível de constituir espaços para práticas inovadoras de uso da informação e ativadoras de processos de mudanças estruturais profundas". Machado ainda ressalta que "fica evidente o descompasso existente entre a criação de novas metodologias de ensino e a incorporação destas novas tecnologias"<sup>23</sup>. Demo (2006:16), citado por Machado (2007:12) "sustenta que a pedagogia está em descompasso visível com a tecnologia, ficando sem saber como aproveitá-la por deixar de desenvolver teorias da aprendizagem adaptadas ao cenário emergente". O descompasso apontado por Machado somente será superado a partir de relevância e da difusão da pesquisa no âmbito da formação. Ainda na citação de Demo (2006:114-115), Machado (2007:14) apresenta cinco iniciativas que considera relevantes para que o ensino possa ser bem sucedido: "1) pesquisa constante; 2) elaboração própria de textos; 3) leitura sistemática; 4) desconstruir e reconstruir práticas e 5) exercitar a autoridade do argumento".

Da necessidade da pesquisa integrada às tecnologias digitais, Machado (2007:16) reforça que "quanto menos a pesquisa estiver integrada ao ensino-aprendizagem, menos chances haverá de utilizar a digitalização como oportunidade para romper-se com o paradigma da aula reprodutiva". E mais adiante acrescenta que "sem incorporar a pesquisa como atitude cotidiana o aluno e o professor acabam por renunciar à capacidade de reconstruir o conhecimento e contribuir no processo social da inovação". Machado (2007:18) destaca o ciberespaço como ambiente de interação e de desenvolvimento da formação na graduação, diz que "a digitalização das práticas educativas conduz a novos hábitos e relações de trabalho entre professores e alunos".

Neste momento, muitos educadores, professores podem se questionar sobre a necessidade de uma infra-estrutura ampla e avançada de equipamentos para adequar essa perspectiva. No entanto, concordamos com Machado (2007:19) em artigo publicado na Revista de Estudos do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas<sup>24</sup> que "mesmo em condições muito precárias de infra-estrutura tecnológica, uma comunidade de ensino-aprendizagem possa apropriar-se de sistemas dinâmicos de uso livre como os *wikis*<sup>25</sup> e os *weblogs*, e

---

<sup>23</sup> MACHADO, Elias. **O ensino de jornalismo em tempos de ciberespaço**. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade. Salvador, EDUFBA, 2007.

<sup>24</sup> MARTINS, Gerson Luiz. **As potencialidades do jornalismo on line na capacitação para a produção jornalística na formação profissional**. In: Jornalismo - Revista de Estudos do Curso de Jornalismo. Campinas, PUC-Campinas, 2003. Vol. 6, N. 1.

<sup>25</sup> Sistema aberto para estruturação e publicação de conteúdo na internet. O termo *wiki* é utilizado para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou o software colaborativo usado para criá-lo. O termo "Wiki wiki" significa "super-rápido" no idioma havaiano. Chamado "wiki" por consenso, o software colaborativo permite a edição coletiva dos documentos usando um sistema que não necessita que o conteúdo tenha que ser revisto antes da sua publicação.

## Mídia e Tecnologias da Comunicação A situação do ciberjornalismo

desenvolver algumas modalidades mais simples de ensino de jornalismo no ciberespaço". Antonio Fidalgo (2007:45)<sup>27</sup> em relato sobre as experiências do ensino de ciberjornalismo na realidade das instituições de ensino portuguesas aprende algumas lições. A primeira não está adequada a realidade brasileira dado que muitos dos nossos cursos de jornalismo ainda utilizam a arcaica estrutura do currículo mínimo definida pela Resolução 02/84; contudo a segunda está inerente às possibilidades da maioria dos cursos. Segundo Fidalgo, "a segunda lição é que os novos meios de comunicação permitem de uma forma fácil, e barata, dotar os cursos de instrumentos para reforçar a sua formação tradicional". Sua experiência com o jornal on-line "Urbi et Orbi" do Atelier de Jornalismo funcionava, com os "alunos a escreverem notícias, a porem em prática técnicas de redação e tudo o mais que aprenderam ao longo do curso, e até a publicarem de vez em quando um suplemento impresso". Ressalva, contudo que "o jornal on-line veio situar o mesmíssimo atelier em condições reais. A notícia que o aluno agora escreve deixou de ser um mero exercício escolar para passar a ser uma notícia a publicar *urbi et orbi*, ou seja, numa primeira experiência profissional". A experiência de Fidalgo é também realizada, desde 2004, com os alunos da disciplina Jornalismo On-line do Curso de Jornalismo da UFRN. Por meio do Projeto Escola da Prática, os estudantes realizam todo o processo de produção em ciberjornalismo, desde a pauta, apuração, entrevistas, redação, edição e publicação, tanto do texto como de fotos, em que são orientados a pensar a estrutura do ciberjornal Escola da Prática e a utilizar todos os parâmetros e características da linguagem ciberjornalística. O projeto Escola da Prática<sup>26</sup> é uma plataforma de publicação no ciberespaço concebida como ferramenta de experimentação em ciberjornalismo. Essa plataforma atua de forma profissional, pois os conteúdos produzidos estão disponibilizados no ciberespaço e são o resultado do processo de produção da notícia que não deixa de ser, em qualquer momento, menos ou mais profissional que os portais jornalísticos produzidos pelas empresas de mídia.

## 5 Considerações finais

As tecnologias digitais, termo mais recentemente empregado, dado que o termo corrente "novas tecnologias" não são consideradas mais novas, minimamente possuem 10 anos de "vida em sociedade", essa mesmas tecnologias entranhadas no cotidiano social, a despeito das várias faces da exclusão digital, mas firmemente em pleno desenvolvimento e cada vez mais presentes nesse *homem cotidiano*, seja como o novo eletrodoméstico, seja porque necessita se comunicar de forma mais barata e fácil, os mecanismos de comunicação no ciberespaço são mais eficientes que os telefones, que pode estar ocupado, não faz ligação, tem muito barulho "na linha", enquanto que os *msn*, *skype*, *orkut* e os inúmeros *messengers* estão disponíveis no momento que o usuário está diante desse novo eletrodoméstico; tecnologias que estão a infligir uma nova perspectiva nas relações sociais, na cultura,

---

<sup>27</sup> FIDALGO, Antonio. **O ensino de jornalismo on line**. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade. Salvador, EDUFBA, 2007.

<sup>26</sup> O projeto Escola da Prática pode ser acessado em [www.webjornalismo.jor.br](http://www.webjornalismo.jor.br).

## Mídia e Tecnologias da Comunicação A situação do ciberjornalismo

na política e por conseguinte, na história. A respeito dessa imposição tecnológica, cometem-se o que muitos educadores chamam de bizarro, uma aberração que é o chamado “informatiquês”, largamente usado pelos jovens e adolescentes nas conversas no ciberespaço e que uma emissora de televisão de sinal fechado utiliza, em determinadas seções, para legendar filmes estrangeiros.

Em todas as vezes que se lê, se ouve ou se vê que a “novas tecnologias da informação e da comunicação” estão a dominar as relações do *homem cotidiano*, sempre foi colocado muitas e grandes interrogações nessa perspectiva, dado que centenas, talvez milhares de pessoas, de *homens cotidiano* não têm acesso a essas “TIC’s”. Entretanto o processo de barateamento dos equipamentos e constatações empíricas do aumento significativo de venda do novo eletrodoméstico, o computador e o acesso fácil e barato para as linhas telefônicas associados a demanda dos jovens estudantes por um processo de pesquisa e estudos muito mais barato do que ir a biblioteca, emprestar livros e com mais relevância, a aquisição de livros, muito mais caro e desinteressante do que o acesso a internet, permitem constatar o aumento real do acesso do *homem cotidiano* às TIC’s ou às tecnologias digitais.

Nesse universo, a evolução dos mecanismos de comunicação é inerente e condição *sine qua non* para que os processos de produção da informação e da comunicação também evoluam. E também sejam renovadas e atualizadas as estruturas, metodologias e processos pedagógicos e didáticos que gerenciam a formação dos profissionais da área de comunicação, especialmente no jornalismo, primeiro contato da informação, hoje mediado pelos computadores conectados, 24 horas por dia, na internet.

Concluimos com uma reflexão do pesquisador em jornalismo Elias Machado (2007:20)<sup>27</sup>. Ele afirma que “a flexibilidade destas tecnologias possibilita a estruturação dos cursos (de formação em jornalismo) em torno de projetos específicos, desenvolvidos em laboratórios, em que a meta comum seja a pesquisa para o desenvolvimento de técnicas, metodologias, processos, linguagens e atualização dos conhecimentos sobre a prática profissional e os desafios para o exercício da cidadania plena”.

## Referências bibliográficas

DEMO, Pedro. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis, Vozes, 2006.

Intercom. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, Intercom, 2007. Vol. 30, N. 2.

Jornalismo. **Revista de Estudos do Curso de Jornalismo**. Campinas, PUC-Campinas, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual**. São Paulo, Editora Unesp, 2005.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1998.

---

<sup>27</sup> MACHADO, Elias. **O ensino de jornalismo em tempos de ciberespaço**. In: MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos. O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade. Salvador, EDUFBA, 2007.

**Mídia e Tecnologias da Comunicação**  
**A situação do ciberjornalismo**

MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador, Calandra, 2003.

MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos. **O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade. Metodologias & Softwares**. Salvador, EDUFBA, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siécle**. São Paulo, Scritta Editorial, 1993.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** São Paulo, Contexto, 2007. **Pauta Geral**. Revista de Jornalismo. Florianópolis, Calandra, 2006.

PERUZZO, Cecília (org.). **A mídia impressa, os livros e as novas tecnologias**. São Paulo, Intercom, 2002.

PINHO, J.B. **Jornalismo na internet**. São Paulo, Summus, 2003.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción Periodística en internet**. Navarra, EUNSA, 2006.